

Editorial

A educação tem sido considerada como a grande “arma” do desenvolvimento humano. Porém, a focalização da educação tem-se centrado fundamentalmente na formação das crianças e jovens. Apesar do reconhecimento do potencial transformador da educação, os adultos não têm recebido a devida atenção. Apesar das circunstâncias dos percursos de vida, é sempre possível desenvolver as potencialidades de cada um. Nunca é tarde para suprir carências ou complementar necessidades de formação. Somos aprendizes em processo permanente. A atualização e/ou desenvolvimento de novas competências é sempre uma necessidade e uma prioridade que deve ser considerada ao longo da vida. Cada vez mais esta preocupação se integra no ideário das políticas de educação, articulando as necessidades de formação com o mercado de trabalho, possibilitando novas oportunidades mas igualmente aprofundando e melhorando práticas de cidadania, renovando a cultura democrática. É importante referir que a educação de adultos não se deve reduzir à lógica económica sem qualquer tipo de preocupação com a marginalização e exclusão social. A lógica económica e de mercado não podem suprimir as preocupações educativas. A emancipação e o desenvolvimento de uma cultura democrática não podem ficar de fora das ambições da educação de adultos. É sobre esta problemática que este número da RLE quis dar voz com o dossier *As transformações na educação de adultos: novas perspectivas, novas práticas*, organizado por Emilio Lucio-Villegas, professor catedrático de Educação de Adultos na Universidade de Sevilla.

Para além do dossier, apresentamos também um primeiro artigo intitulado *Reconfiguring education and research in the European Higher Education Area*, dos investigadores do CIPES António Magalhães e Amélia Veiga. Os autores pretendem contribuir

para a compreensão das reconfigurações da educação e da investigação no Espaço Europeu do Ensino Superior. Este artigo revela-se interessante porque ao mesmo tempo que os sistemas e instituições de ensino superior são apontados como chave para posicionar competitivamente a Europa no contexto global, as articulações entre educação, investigação e inovação estão a ser reconfiguradas. Com base na análise do discurso, desafia-se a relevância atribuída à inovação e ao seu potencial de desenvolvimento económico.

Naomar Almeida-Filho assina o segundo artigo, *A Reforma Cabanis como pauta da idéologie: faculdades imperiais em vez de universidades góticas*. O autor, extrapolando o campo da saúde, pretende avaliar como a Reforma Cabanis foi incorporada à reforma educacional bonapartista que estabeleceu as bases institucionais do sistema de ensino superior implantado em França, durante o século XIX. Num primeiro momento, colocam-se em destaque as dimensões conceptuais e político-pedagógicas da contribuição de Cabanis e seus parceiros (membros do movimento que se tornou conhecido como *Idéologie*), principalmente no que se refere à potencial articulação com o sistema de educação em geral. Num segundo momento, identifica eventos históricos referentes à reorganização do sistema francês de educação, no contexto das reformas sociais iniciadas no regime do Consulado, consolidadas no Império e mantidas na Restauração. Num terceiro momento, analisa a configuração do modelo resultante dessas reformas, colocando em destaque o conceito de universidade imperial. Por último, faz referência à reforma universitária republicana, aprovada na década de 1890, quando as universidades foram reincorporadas ao sistema francês de educação como instância de representação institucional e coordenação simbólica de faculdades, escolas e academias que detinham autonomia política, administrativa e académica.

João Madeira e José B. Duarte assinam o artigo *Inspeção e inovação: um novo relacionamento com as escolas?*, que interroga a tensão entre a tradicional função inspetiva de regulação e os novos papéis a assumir face à complexidade da sociedade atual e aos novos conhecimentos. Nessa tensão se situa o Memorando de Bratislava (de 2013), produzido pela Standing International Conference of Inspectorates (SICI). Os autores quiseram perceber o posicionamento da Inspeção Geral de Educação e Ciência (IGEC), de Portugal. E referem-nos que a investigação mostra como as avaliações externas, realizadas pela IGEC, tendem para uma matriz uniformizadora e diluidora das características culturais de cada escola. No entanto, dizem-nos os autores que, nas práticas da autoavaliação, apesar de sentidas como “obrigação” prévia à avaliação externa, surgem sinais de que a ação inspetiva será melhor compreendida pelos docentes se as visitas forem realizadas como uma partilha de análise dos problemas de aprendizagem e procura de soluções. Os autores referem ainda que uma mudança na escola não advirá somente dos esforços dos professores (mergulhados em tarefas letivas e burocráticas), mas sobretudo de ideias novas que atores exteriores podem

trazer e do empenhamento que souberem despertar nos docentes, como sugere o Relatório de Bratislava. Salienta-se o facto de uma inspeção empenhada na inovação e mudança, através do acompanhamento do processo educativo, poder constituir um recurso importante na renovação da escola. Mas isso requer uma nova formação de inspetores em investigação educacional.

Na secção Recensão, Amélia Simões Figueiredo e Isabel Rabiais apresentam criticamente o livro *Escola Superior de Enfermagem de São Vicente de Paulo. Uma História ao serviço da Formação*, de Manuela Madureira, publicado pela Universidade Católica. O livro tem a particularidade de trazer para o debate público, nacional e internacional, um modelo de formação em Enfermagem. Este modelo, consolidado ao longo de praticamente sete décadas, veicula uma filosofia humanista cristã e uma pedagogia positiva centrada na pessoa e na afectividade.

Na mesma secção, Maria Dolores Fernández Tilve e Antía Figueiras Carballo elaboram uma análise crítica da obra *Alumnos, maestros, colegios e incidentes. En el pensamiento de educadores en formación*, da autoria de Carlos Rosales. Trata-se de um livro que oferece uma significativa radiografia da escola na Galiza permitindo-nos traçar a evolução de uma realidade complexa e poliédrica. O livro apresenta experiências autobiográficas, sob a forma de relato, as quais constituem uma valiosa fonte de informação e ponto de partida para uma reflexão sobre a escola actual.

No cumprimento de uma das rubricas da política editorial da *Revista Lusófona da Educação*, divulgam-se, neste número, alguns resumos de Teses de Doutoramento e Dissertações de Mestrado, defendidas no Instituto de Educação da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Lisboa, Dezembro de 2018

António Teodoro, José Brás & Maria Neves Gonçalves